

Boa Nova para cada dia / janeiro 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Natal – Santa Maria, Mãe de Deus / Epifania do Senhor / Batismo do Senhor

Tempo Comum

Sex, 1 – SANTA MARIA, MÃE DE DEUS (Solenidade)

DIA MUNDIAL DA PAZ / 1ª SEXTA-FEIRA

Num 6, 22-27 / Slm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Gal 4, 4-7 / Lc 2, 16-21

Hoje celebramos a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Neste primeiro dia do ano, a Igreja convida-nos a fixar o olhar em Maria, Mãe de Deus. Se calhar, estamos demasiado habituados a ouvir esta expressão e nem nos apercebemos de quanto é extraordinária. O mistério da maternidade divina de Maria põe-nos em contacto com o modo como Deus Se revela: é na humildade de uma rapariga de uma aldeia perdida na Galileia que Ele escolhe fazer-Se homem.

Nesta linha, o Evangelho de hoje apresenta-nos os pastores que reconhecem numa criança indefesa, necessitada de proteção e amparo, o Salvador, Deus incarnado. Eles não precisaram de milagres ou de outros sinais para acreditar que estavam diante do Senhor. Reconhecem-

-No e começam imediatamente uma oração de louvor, glorificando a Deus. São Lucas insiste sempre que é precisamente daqueles de quem menos se poderia esperar que vem o reconhecimento mais imediato da presença de Deus. Não são os eloquentes, os perfeitos, os justos ou os moralmente impecáveis que O reconhecem, mas são os marginalizados pela sociedade, os doentes, os leprosos e os cegos aqueles que O chamam pelo seu nome. Ver a Deus e reconhecê-Lo no íntimo está reservado para os puros de coração, para aqueles que são «como as crianças».

Diante da reação dos pastores, diz-nos o Evangelho que Maria conservava estas coisas no seu coração. Ela, ainda que não pudesse compreender tudo aquilo que acontecia, meditava,

observava e confiava. Na verdade, só depois da Páscoa pôde ler os acontecimentos da vida de Jesus, vendo nesses o cumprimento das promessas de Deus na sua vida.

Destes exemplos podemos reconhecer como Deus Se faz presente na nossa vida concreta. A humildade e a simplicidade, típica dos que são «como as crianças» e que permitem ver a Deus, são também características do modo como Deus nos revela quem Ele é.

Esta mulher, porque simples e humilde, pôde escutar a Palavra de Deus e conceber dentro de si o Filho de Deus. Por isso, a Igreja venera-a como Mãe de

Deus e nossa mãe. Ela é para nós importante intercessora e modelo de como ser discípulo de Jesus. Seguir o Senhor é, antes de mais, viver numa atitude de total confiança nas suas promessas, tal como os pastores, que, nada exigindo ou pedindo para si próprios, se descobrem gratuitamente e plenamente amados e por isso louvam e dão graças a Deus. Na medida em que soubermos cultivar no nosso coração a atitude de escuta e de louvor, sabendo-nos amados pelo Senhor, poderemos, também nós, ser sinal da presença de Deus no mundo, tornando-O realmente presente para os nossos irmãos.

Sáb, 2 – SÃO BASÍLIO MAGNO E SÃO GREGÓRIO NANZIANZENO (Memória) / 1º SÁBADO

1 Jo 2, 22-28 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 1, 19-28

Eu sou a voz que clama no deserto. (Evang.)

O leitor sente-se a pregar no meio do deserto? Às vezes isso acontece. Com frequência, temos que insistir, às vezes subtilmente, sem causar animosidade no outro, o que nem sempre é fácil. De acordo com os valores do Evangelho, não pode ser à toa. Temos que o fazer amando, com uma firme suavidade. E temos que o fazer porque amamos. E se o outro se sente amado por nós, recebe as nossas críticas com muito maior facilidade. É preciso é amar. Medite sobre isso. Como é que ama?

Dom, 3 – EPIFANIA DO SENHOR (Solenidade)

Is 60, 1-6 / Slm 71 (72), 2.7-8.10-13 / Ef 3, 2-3a.5-6 / Mt 2, 1-12

Hoje a Igreja celebra a Epifania do Senhor. Isto significa que celebramos a «aparição do Senhor». Esta festa, que nasceu no oriente cristão, tem no seu centro a celebração do nascimento do Senhor e não uma simples recordação dos Magos. Estes são-nos apresentados como modelo de alguém que está atento e é sensível à manifestação de Deus nos acontecimentos do seu dia.

São Paulo, na segunda leitura, diz-nos que lhe foi «dado a conhecer o mistério de Cristo». O que significa isto? O que é o mistério de Cristo? Na verdade, para São Paulo, a palavra mistério indica simplesmente o projeto de Deus para o mundo, isto é, a oferta da salvação para todos os homens cumprida em Jesus Cristo.

No Evangelho de hoje, somos postos diante destes homens, de quem sabemos muito pouco, apenas que vinham de longe, eram estrangeiros, não pertenciam ao povo eleito e seriam «Magos», isto é, homens sábios, estudiosos. É também uma responsabilidade daqueles que se consideram pessoas de fé o estudo e a procura honesta da presença do mistério salvífico da presença de Deus no nosso mundo. Os Magos deixam-se interpelar pelos sinais do mun-

do e empenham-se em descobrir o seu significado. Perante a adversidade, não desistem de procurar Aquele que está para nascer, para O adorarem.

Com a sua tenacidade, eles dizem-nos que é importante procurar Deus na nossa vida. Dizem-nos que a ignorância, a indiferença, o agnosticismo desleixado de quem não se deixa interrogar, a escolha de soluções espirituais fáceis, que não nos levam a Jesus Cristo nem à sua Igreja, e tantas outras opções da nossa vida que tomamos por comodismo são, na verdade, expressão da falta de honestidade, não só espiritual mas, se calhar, sobretudo intelectual.

Diz Santo Agostinho que os Magos são estes homens de honestidade intelectual que não desistem e que por isso conseguem encontrar e reconhecer «A Verdade». Chiara Corbella Petrillo, uma jovem mãe à procura da vontade de Deus para o filho que trazia no ventre e que nunca poderia sobreviver muito tempo depois do nascimento, reconhece que Deus coloca a verdade dentro do nosso coração e que não há maneira de a percebermos mal, se tivermos a coragem de a procurar e se estivermos atentos aos seus sinais à nossa volta.

Hoje celebramos esta festa da Manifestação do Senhor. Peça-mos-Lhe a graça de, como os Magos, confiar na presença misericordiosa da sua providên-

cia na nossa vida e a coragem de não desistir de procurar os sinais da sua presença à nossa volta, para assim O reconhecermos e O podermos adorar.

Seg, 4 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 3, 22 – 4, 6 / Slm 2, 7-8. 10-11 / Mt 4, 12-17. 23-25

Traziam-Lhe todos os que estavam doentes. (Evang.)

E que doentes é que levamos a Deus através de nós? Só aqueles de quem gostamos? Há doentes maçadores por muitas e variadas razões. Mas também temos que levar esses a Deus e Deus a esses. Temos que lhes levar o nosso amor, a nossa companhia, às vezes o nosso silêncio mas a nossa presença. Hoje reze por eles.

Ter, 5 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 4, 7-10 / Slm 71 (72), 2.3-4ab.7-8 / Mc 6, 34-44

Manda-os embora [...]. Dai-lhes vós mesmos de comer. (Evang.)

É fácil arranjarmos desculpas para não ajudarmos as pessoas. E aqui os discípulos até tinham uma desculpa muito verdadeira. Só que houve um milagre. E nós também podemos fazer milagres se nos empenharmos. Estou a lembrar-me daqueles professores que se dedicam aos maus alunos. Dos pais que amam e acompanham os filhos. Dos padres que conhecem as suas ovelhas. Dos amigos que não abandonam os amigos chatos ou que já os magoaram. Com Cristo dentro de nós, o milagre está nas nossas mãos.

Qua, 6 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 4, 11-18 / Slm 71 (72), 2.10-11.12-13 / Mc 6, 45-52

Enquanto Ele despedia a multidão. (Evang.)

Porque é que Jesus quis despedir a multidão sozinho, já sem a presença dos discípulos? Só podemos especular. Numa Europa tão conturbada e que tem sido atingida pelo mal de uma maneira tão violenta, deve-nos dar um consolo cristão saber que Jesus

tem a última palavra. Também nas nossas vidas é Jesus que tem a última palavra. Agradecemos-Lhe isso.

Qui, 7 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 4, 19 – 5, 4 / Slm 71 (72), 2.14-15bc.17 / Lc 4, 14-22a

Todos [...] se admiravam da mensagem [...] que saía da sua boca. (Evang.)

O fim desta passagem lembra-me a apreciação estética de livros, de extratos de livros, discursos, homilias. Todos nós temos textos com que nos identificamos, que admiramos, que nos tocam muito. Mas tudo espremido, em que é que isso mexeu na nossa vida? Aí é que está o busílis: encarnarmos os textos que nos tocam. Se não, vão para o role dos textos bonitos com que enganamos a consciência porque achamos que estamos a fazer uma grande coisa que no fundo é estéril.

Sex, 8 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 5, 5-13 / Slm 147, 12-15.19-20 / Lc 5, 12-16

Jesus costumava retirar-Se em lugares desertos para orar. (Evang.)

Seja a rezar sozinho ou com pessoas ao lado é sempre preciso um deserto dentro de nós para que Deus nos molde, para ouvirmos o Espírito Santo. Sem isso, a oração não nos muda, o que é um enorme risco de quem reza: rezar muito e ficar sempre tudo na mesma. Deus tem sempre coisas para nos dizer, mas se a nossa oração é mecânica ou só baseada em orações já feitas, Deus tem pouco espaço dentro de nós. Meu caro leitor, tente ouvir o que é que Deus quer de si.

Sáb, 9 – TEMPO DO NATAL DEPOIS DA EPIFANIA

1 Jo 5, 14-21 / Slm 149, 1-5.6a.9b / Jo 3, 22-30

Ele deve crescer e eu diminuir. (Evang.)

Também nós devemos diminuir para que o nosso irmão cresça. Às vezes temos que forçar a nossa personalidade. Há gente que sabe ouvir os outros com atenção, mas que tem dificuldade em dar a sua contribuição numa conversa. E há aqueles que onde

chegam dominam. Estas personalidades não mudam, mas pode fazer-se um esforço. Para isso temos que ter consciência do que somos. (Neste assunto ou noutro.) E muitas vezes isso é o mais difícil. Peça isso ao Espírito Santo.

Dom, 10 – BATISMO DO SENHOR (Festa)

Is 42, 1-4.6-7 / Slm 28 (29), 1-4.9-10 / At 10, 34-38 / Lc 3, 15-16.21-22

Tal como em toda a tradição profética, São João Batista usa uma linguagem dura e ameaçadora para tentar mover à conversão aqueles que o escutam. Ele apresenta um Deus soberano muito severo e intransigente, na linha da mentalidade presente no Antigo Testamento. Só Jesus Cristo, o Filho de Deus, pode mostrar-nos o verdadeiro rosto de Deus Pai. Só n'Ele podemos aproximar-nos de Deus tal como Ele é, porque é Ele a via para o Pai.

O Evangelho de hoje coloca-se no início da vida pública do Senhor. Ele não escolheu para Si uma vida paralela àquela do povo que veio servir, mas, vivendo plenamente a sua condição humana, submeteu-Se às tradições do seu povo e recebeu o batismo de João. Ele, sendo verdadeiramente um de nós, apresenta-Se, também hoje, nos caminhos da nossa vida, põe-Se ao nosso lado e faz estrada connosco, indicando-nos a direção da liberdade.

A nossa vida em Cristo foi definitivamente marcada pelo dia do nosso Batismo. Este é o primeiro dos sacramentos, sinal visível da graça de Deus que nos resgata do abismo da nossa realidade ferida pelo pecado e nos eleva em direção ao Reino, à comunidade dos filhos de Deus. Os sacramentos são para nós um pré-anúncio do mundo futuro, mostrando-nos como é a vida quando Cristo estiver presente em tudo e em todos.

Todo o Universo foi criado por Deus e para que nos elevemos em direção a Deus, mas o pecado impede-nos de elevar o olhar da criação ao criador. Os sacramentos não são palavras mágicas, são palavra de Deus e fazem aquilo que significam. Não são meros sinais, mas têm a força de realizar em nós as promessas de Deus. Permitem-nos sair de nós próprios e elevar o coração para o Senhor. São a presença eficaz, operante, de Jesus Cristo na nossa vida que nos santifica. Na água do Batismo morremos

com Cristo para com Ele nascermos para a vida sem ocaso.

Nós, feridos pelo pecado, mas purificados pelo Batismo, vivemos oscilando entre a atração que exercem sobre nós o pecado e a santidade. É a nossa luta de cada dia. A cada passo da vida apresenta-se a escolha de seguir uma via de santidade ou de pecado. Podemos, a cada momento da vida, escolher ou o

Amor do Pai que Cristo nos oferece ou então escolhermo-nos a nós próprios, recusando-O. Os sacramentos, em especial a Eucaristia e a Reconciliação, são uma ajuda imprescindível para podermos escolher o caminho de Cristo, o caminho que leva à verdadeira vida que nos foi comunicada no dia do Batismo. Mortos com Cristo, ressuscitamos, a cada dia, n'Ele e com Ele.

Seg, 11 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 1, 1-8 / Slm 115 (116), 12-19 / Mc 1, 14-20

Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. (Evang.)

À hora da morte diremos «cumpru-se» (cumpri) e também «não cumpri». E aqui joga-se toda a nossa fé. É aqui que precisamos de Deus. Precisamos de Deus porque nunca cumprimos tudo. Daí que precisemos que Ele seja como é, precisamos que seja o Amor. Mas nós também temos que amar enquanto «cá» estamos: cumprir a nossa parte. Que «parte» é que o leitor tem adiado, o que é que tem por cumprir?

Ter, 12 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 1, 9-20 / 1 Sam 2, 1.4-5ab.5cd.6-7.8abcd / Mc 1, 21-28

Cala-te e sai desse homem... (Evang.)

Os endemoninhados não queriam a presença do demónio ou espíritos impuros dentro deles, mas não eram capazes de os expulsar. Há coisas que são tão difíceis de deixar que nem sequer as queremos deixar. Mas para isso Santo Inácio ensina-nos um «truque». Pedimos para termos o desejo de deixar o que não queremos deixar. É a regra de «água mole em pedra dura tanto dá até que fura». O leitor peça.

Qua, 13 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 3, 1-10.19-20 / Slm 39 (40), 2.5.7-11 / Mc 1, 29-39

A sogra de Simão estava de cama com febre e logo Lhe falaram dela. (Evang.)

Rezarmos uns pelos outros tem muita importância. Inculquemos isso aos nossos filhos, netos e ensinemos-lhes a rezar por aquelas pessoas que têm pouca gente a rezar por elas. Deus lá sabe quem são. Rezar pelos outros faz-nos sair de nós e faz de nós intercessores. É um ato de amor. Conheço pessoas que têm uma lista escrita de pessoas por quem rezar. Pode tornar-se uma lista grande. Tornamo-nos uma espécie de oblação a Deus. Hoje o leitor reze por outros.

Qui, 14 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 4, 1-11 / Slm 43 (44), 10-11.14-15.24-25 / Mc 1, 40-45

Despertaí, Senhor. Porque dormis? (Salmo)

Quando não acontece o que queremos, parece que o Deus que corresponde a determinada concepção dorme. Quando acontece o que queremos, o Deus dessa concepção é muito nosso amigo. As vidas de Jesus e Nossa Senhora mostram-nos à saciedade que Deus não nos faz as vontades. As nossas vontades cavariam a nossa ruína. A vontade de Deus constrói a nossa felicidade, uma grande felicidade. Mas isto só é percebido se vivido. É como um sabor; não conseguimos saber a que sabe o sal sem o provarmos.

Sex, 15 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 8, 4-7.10-22a; Slm 88 (89), 16-19; Mc 2, 1-12

Ficaram maravilhados [...]. Nunca vimos coisa assim. (Evang.)

A nossa capacidade de maravilhamento está um bocado embotada. Temos que treinar olhar para as coisas e ver o seu lado maravilhoso. O leitor já reparou na maravilha que é o funcionamento da sua máquina de lavar loiça? De como o seu corpo funciona apesar de poder ter doenças? De como os sinais luminosos conduzem o trânsito? De como já há carros que podem andar sem o condutor lhes mexer? Hoje o leitor reze sobre as maravilhas da sua vida.

Sáb, 16 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

1 Sam 9, 1-4.17-19; 10, 1a / Slm 20 (21), 2-7 / Mc 2, 13-17

Por que motivo é que Ele come com [...] pecadores? (Evang.)

Sei de um grupo de casais muito católicos – o leitor avaliará – que viraram as costas a uns amigos quando eles se divorciaram. Pessoas há que se deliciam a apontar a dedo os que vão à comunhão e eles acham que não deviam ir. Outros fogem de pessoas de determinada condição social. Cada um de nós tem que fazer um exame de consciência aos seus preconceitos. O leitor acha-se melhor que outros? Reze sobre isso.

Dom, 17 – DOMINGO II DO TEMPO COMUM – Ano C

Is 62, 1-5 / Slm 95 (96), 1-3.7-8a.9-10a.c / 1 Cor 12, 4-11 / Jo 2, 1-11

O Evangelho de hoje apresenta-nos o primeiro «sinal» que Jesus realiza, segundo o Evangelho de São João: oferece 600 litros de vinho para um casamento! Depois de nos ter anunciado que em Jesus a Palavra Se fez carne e de nos ter apresentado São João Batista, o evangelista João apresenta-nos este primeiro «sinal» que é, na verdade, uma síntese de tudo aquilo que Jesus fará na sua vida.

Este relato mostra-nos onde «mora» o Senhor e a sua glória: na Alegria e no Amor e não simplesmente no recinto do templo, lugar dominado pelas frias leis dos homens. Este «sinal» mostra-nos que Deus é sempre muito diferente daquilo que nós pensamos. Ele surpreende sempre. Poderemos pensar que,

num mundo com tantas doenças, fome e injustiça, o Senhor deveria começar com um milagre mais «útil», que fosse, aos nossos olhos, mais importante. Esperaríamos que curasse alguém, que desse de comer aos que têm fome...

Estamos, se calhar, tão habituados a um discurso religioso que apela à sobriedade, à abstinência e ao nosso empenho pessoal, que nos pode escapar o significado deste relato de São João. O Senhor oferece vinho «belo» numa festa nupcial em que este tinha acabado e que, por isso, se estava a apagar por falta de alegria. Este primeiro «sinal» do Senhor chama-nos a atenção para o final do Evangelho, quando chegará a «hora» do Senhor, quando se manifestará

a sua glória, transformando-Se Ele mesmo, para nós, em fonte de água e sangue. É na Cruz que se cumprem as «bodas» entre o Senhor e a sua Igreja.

Na escritura, as bodas representam simbolicamente a união de Deus com o seu povo. Nestas «bodas de Caná», a falta de vinho diz-nos que falta o Amor na aliança. As talhas de pedra, usadas para os rituais de purificação, vazias, dizem-nos que a lei vazia e sozinha não nos pode salvar. A água, elemento primário da criação, transforma-se em «vinho belo» que será para nós o sangue do Senhor. Por isso é que este vinho manifesta a Glória do Senhor, Ele que é o Esposo e nós, sua Igreja, a sua Esposa.

O drama do Povo de Deus, o

drama de cada um de nós é então a falta deste «vinho bom» que é o Amor. Em Jesus, todos somos convidados, cada dia, em cada eucaristia, a saborear do «vinho bom» que nos é oferecido em abundância e que é Ele mesmo. Com este «sinal», Jesus não curou nenhum doente nem deu de comer a ninguém, mas salva-nos de um mal muito subtil que nos corrói na nossa humanidade: a falta de Amor e de alegria.

Deus é Amor e, em Jesus Cristo, vem ao nosso encontro. Hoje, aqui e agora, é a sua «hora», o seu «agora» em que se manifesta a sua glória, em que se renova a sua Aliança e em que somos convidados a participar da alegria do seu Amor.

Seg, 18 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 15, 16-23 / Slm 49 (50), 8-9.16bc.17.21.23 / Mc 2, 18-22

O remendo novo arranca parte do velho. (Evang.)

Se a emenda é forte demais, o «pecador» não aguenta e «esgaça». Podemos ter objetivos ótimos, para nós e/ou para os outros, mas se não estão bem adaptados a quem se destinam, fazem mais mal do que bem. Tanto a nós como ao outro. Temos que nos escutar interiormente, temos que ter empatia connosco – e com os outros – para sabermos como estabelecer objetivos para nós próprios ou para os outros. É preciso pedir isto muito ao Espírito Santo.

Ter, 19 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam, 16, 1-13 / Slm 88 (89), 20-22.27-28 / Mc 2, 23-28

O sábado foi feito para o homem. (Evang.)

A independência em relação às leis diz da nossa maturidade humana e cristã. Em relação às leis escritas e em relação às leis do que é costume fazer-se. Se se fizesse sempre o costume, não se progredia. O cristão rege-se pela sua lei interior. Quantas pessoas não cumprem só porque são vigiadas? (A maioria?) O cristão tem dentro de si a lei do amor e rege-se por ela. Cumpre porque ama. E quantos cristãos há? O leitor é cristão?

Qua, 20 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam, 17, 32-33.37.40-51 / Slm 143 (144), 1.2.9-10 / Mc 3, 1-6
... e poderem assim acusá-Lo. (Evang.)

Os fariseus não estavam interessados nem no que Jesus tinha no coração, nem na cura de um homem doente. Estavam interessados em condenar Jesus. Olhar para os outros com compaixão e não com um espírito farisaico exige empatia, exige contactarmos com o interior do outro. Exige pormos o nosso interior a contactar com o interior do outro. Exige «libertar» o Cristo que está dentro de nós. Caro leitor, reze sobre isto.

Qui, 21 – SANTA INÊS (Memória)

1 Sam 18, 6-9; 19, 1-7 / Slm 55 (56), 2-3.9-10ab.10c-13 / Mc 3, 7-12
Compedeizei-Vos de mim, Senhor, porque [...] os meus inimigos esmagam-me sem tréguas. (Salmo)

Quando nos sentimos esmagados por alguém, recorremos a Deus. Às vezes, parece que o sofrimento nos desintegra. (É muito importante perceber se precisamos de ajuda médica.) Mas, para além disso, temos que amar tanto quem nos faz mal como quem nos faz bem. Só que amar quem nos faz mal pode querer dizer não deixar que essa pessoa nos faça mal. Se deixarmos, estamos a ser cúmplices do pecado do outro. Meditemos sobre isso.

Sex, 22 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

1 Sam 24, 3-21 / Slm 56 (57), 2-4.6.11 / Mc 3, 13-19
Jesus [...] escolheu doze. (Evang.)

Jesus escolheu doze homens longe de serem perfeitos. Temos, nos Evangelhos, vários episódios que no-lo demonstram. O caminho dos apóstolos para a santidade é-nos apresentado como um *wagon* de montanha russa. É um caminho próximo do nosso. Aproveitemos o seu exemplo para não desistirmos, apesar de o nosso trajeto ser uma linha quebrada.

Sáb, 23 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

2 Sam 1, 1-4.11-12.19.23-27 / Slm 79 (80), 2-3.5-7 / Mc 3, 20-21

Eles nem sequer podiam comer. (Evang.)

Parece que o stress não é um fenómeno de hoje. E que a incompreensão da família para com algumas peculiaridades dos seus membros mais excêntricos – já tinha reparado que Jesus era excêntrico, tão à margem do «como se deve ser»? – também não é só de hoje. Jesus não tinha tempo para comer. Há pessoas que não sabem descansar. Há outras para as quais a sua rotina vem antes de tudo e são impermeáveis às necessidades do próximo. Precisamos de estar atentos aos excessos. O leitor analise-se frente a Deus.

Dom, 24 – DOMINGO III DO TEMPO COMUM – Ano C

Neh 8, 2-4a.5-6.8-10 / Slm 18 (19), 8-10.15 / 1 Cor 12, 12-30 / Lc 1, 1-4; 4, 14-21

Quando São Lucas escreveu o seu Evangelho já não existia quase ninguém vivo que tivesse conhecido Jesus. O próprio São Lucas diz nunca O ter visto. Nessa altura, nas primeiras comunidades começava a instalar-se um clima de desconfiança porque Jesus começava a parecer uma história demasiado longe da realidade concreta de cada um. São Lucas resolve escrever com a intenção de mostrar porque é que a vida de Jesus é im-

portante para aqueles que nunca encontraram fisicamente o Senhor. Ele quer mostrar-nos a nós o que é que Jesus tem a ver com a nossa vida concreta.

Então ele escreve, endereçando o seu Evangelho a cada um de nós, amados pelo Senhor e que queremos viver a vida amando-O. Escreve a história de Jesus baseando-se em factos, depois de ter «investigado cuidadosamente tudo desde as origens». Na verdade, a fé cris-

tã não se baseia simplesmente em sonhos, projetos, ideais de vida ou numa qualquer sabedoria muito antiga, mas no facto de que Deus fala connosco, Se comunica e Se faz um de nós. Ele comunica-Se a Si mesmo para que possamos estar em comunhão com Ele. Encarando, Jesus não nos vem apresentar um conjunto de regras para cumprir, mas vem para Se manifestar a Si mesmo.

São Lucas apresenta-nos aquilo que aconteceu, sabendo que os seus relatos são como uma janela para Deus que nos permite acolher a salvação, hoje, aqui e agora. É através do testemunho daqueles que conheceram Jesus que Lucas nos torna presentes a Deus. O relato dos Apóstolos é para nós oportunidade de encontrar o Senhor na verdade do nosso coração. Cada cristão, aproximando-se da Palavra de Deus em atitude orante, com os olhos lavados pelo amor, conhece verdadeiramente Jesus. Amar é conhecer, e pelo amor nós somos tam-

bém transformados em «testemunhas oculares» da Salvação, que é o Senhor, e somos, também nós, felizes, porque vemos a Salvação do nosso Deus.

A fé não é uma relação privada com Deus e por isso São Lucas está tão atento em relatar os acontecimentos que aqueles que conviveram com Jesus lhe contaram, referindo que a promessa de Deus se cumpriu «entre nós», aberta a todos os homens e todas as mulheres de todos os tempos. O seu objetivo é fazer com que nós possamos contemplar o Amado e nos deixemos amar.

A Sagrada Escritura cumpre-se naqueles que a escutam; por isso Jesus, na Sinagoga, não está simplesmente a explicar o que lê, mas a levar a própria Escritura ao seu cumprimento. Ele é o Filho obediente, Aquele que escuta a voz do Pai, o ouvinte perfeito da palavra. Também nós somos chamados a ser ouvintes da Palavra, para a levarmos ao seu cumprimento no «hoje» da nossa vida.

Seg, 25 – CONVERSÃO DE SÃO PAULO, APÓSTOLO (Festa)

At 22, 3-16 / Slm 116 (117), 1-2 / Mc 16, 15-20

Porque esperas? (1ª Leit.)

Ananias invetiva Paulo a despachar-se. Há que decidir, no colo de Deus, com todos os elementos na mão, qual é a melhor altura. E

muitas vezes é melhor esperar algum tempo em vez de se decidir na hora. Outras, é preciso decidir na hora. A boa altura para se fazer alguma coisa tem que ser ponderada com Deus. Como diz o Livro da Sabedoria, há um tempo para tudo. A sabedoria é conhecê-lo. O leitor habitue-se a meter o Espírito Santo nas suas decisões.

Ter, 26 – SÃO TIMÓTEO E SÃO TITO (Memória)

2 Tim 1, 1-8 / Slm 95 (96), 1-2b.3.7-8a.9-10 / Lc 10, 1-9 (L. Santoral)

Nem te envergonhes de mim. (1ª Leit.)

Diz São Paulo a Timóteo. E haverá gente de quem nos orgulhamos? Há pessoas que nos dão umas migalhas da sua importância. Damo-nos com fulano de tal... Outras não dão lustro nenhum, tiram-no. É triste? É. Mas de cada vez que falamos com veneração das nossas relações importantes, estamos a fazer sentir que quem não é «X» ou «Y» tem menos valor. É muito difícil sermos simples. O leitor reze por isso.

Qua, 27 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 7, 4-17 / Slm 88 (89), 4-5.27-30 / Mc 4, 1-20

Aqueles que ouvem [...] aceitam [...] frutificam. (Evang.)

O leitor já reparou que a semente tem que furar a camada de terra que tem em cima? (E a semente estava tão bem lá em baixo, protegida da intempérie.) Mas a semente quer dar fruto, é inerente ao seu ser. A terra são as qualidades do leitor que aceitam a semente, a palavra de Deus. Essas qualidades fazem frutificar a semente em si e nos outros. Ao desenvolver-se espiritualmente, e também os seus talentos, o leitor também está a desenvolver outras pessoas. Tem essa responsabilidade. Reze pelo seu próximo.

Qui, 28 – SÃO TOMÁS DE AQUINO (Memória)

2 Sam 7, 18-19.24-29 / Slm 131 (132), 1-2.3-5.11-14 / Mc 4, 21-25

Com a medida com que medirdes vos será medido e ainda vos será acrescentado. (Evang.)

À medida que amamos, vamo-nos tornando melhores e à medida que nos tornamos melhores, Deus vai-Se abeirando mais de nós.

Com essa aproximação de Deus ficamos com mais capacidade de amar. Temos aí as condições para irmos amando sempre mais. Às vezes «amar mais» é não desistir de amar. Rezemos.

Sex, 29 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 11, 1-4a.5-10a.13-17 / Slm 50 (51), 3-6c.7.10-11 / Mc 4, 26-34

Cresce sem ele saber como [...]. Quando o trigo o permite, logo se mete a foice. (Evang.)

A construção do Reino, a nossa construção do Reino, inclui esta tensão. Há uma parte que não sabemos como é que se dá. A outra depende de nós. E não depende de nós de qualquer maneira, mas «logo que o trigo o permite», porque a construção do Reino é urgente. Não podemos admitir laxismos na nossa conduta, porque a construção do Reino não é um conceito abstrato; trata-se de fazer gente feliz. Mas será que isso nos toca?

Sáb, 30 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

2 Sam 12, 1-7a.10-17 / Slm 50 (51), 12-17 / Mc 4, 35-41

Ainda não tendes fé? (Evang.)

Se Jesus nos fizesse esta pergunta, estando nós na situação dos apóstolos, é provável que disséssemos qualquer coisa como: «Claro que temos fé, mas também uma situação destas!...». E, no entanto, Jesus não desculpou os apóstolos com aquela situação difícil. A lição a tirar parece-me ser que não devemos dar a nossa fé como um dado adquirido. É nas alturas de crise que se vê a nossa fé. O leitor está preparado para elas?

Dom, 31 – DOMINGO IV DO TEMPO COMUM – Ano C

Jer 1, 4-5.17-19 / Slm 70 (71) 1-4a.5-6ab.15ab.17 / 1 Cor 12, 31 – 13,13 / Lc 4, 21-30

O Evangelho do Domingo de hoje continua o relato dos acontecimentos na sinagoga de Nazaré. São Lucas, em todo o Evangelho, ensina que este se cumpre «hoje» naqueles que escutam a

Palavra do Senhor. É na obediência da fé que acolhemos a salvação. Obedecer é escutar e, depois, pôr em prática o que escutamos.

Quando Jesus comentava as Escrituras, todos estavam ma-

ravilhados, porque tinham ouvido falar de tantos sinais que Ele tinha operado. Pretendiam que Ele fizesse milagres também ali, diante deles, e esqueciam-se que o dom é gratuito, não pode ser exigido. Em vez de se abrirem à fé, deixando-se envolver pelo dom de Deus, fecham-se naquilo que pensam já saber, dizendo que Ele é simplesmente o filho de José.

A fé é, na verdade, obediência à Palavra de Deus, é o seguimento do Senhor para que O possamos conhecer. Deus é em Si mesmo dom: dá-*Se* a Si mesmo até à morte e morte de cruz. O dom, por essência, não pode ser exigido, mas é sempre acolhido. Jesus recusou-*Se* a fazer milagres em Nazaré porque não encontrou ninguém pronto para O acolher, porque todos exigiam.

O dom de Deus é sempre oferecido, mas só os puros de coração, só aqueles que não têm pretensões de terem direito aos dons de Deus, só esses têm o coração aberto e preparado para o receber. Por isso é que os habitantes de Nazaré se zangaram! Cheios de ira, expulsaram-No porque não fez as curas que eles queriam que fizesse. Eles recusaram o Senhor porque Ele não *Se* submeteu aos seus pedidos.

Jesus não *Se* deixa aprisionar

pela vontade dos seus. Ele não fica retido na maldade de quem não O acolhe, mas é livre e atravessa uma multidão de inimigos, continuando o seu caminho, estando sempre ao nosso lado. Também a sua Igreja, que somos todos nós, atravessa as multidões que a querem destruir na medida em que permanece fiel ao seu Senhor e assim continua o seu caminho.

Na segunda leitura, São Paulo apresenta-nos a concretização deste caminho para a nossa vida: o Amor. A caridade é um caminho a ser percorrido com o Senhor porque Ele é amor e só Ele nos pode conceder a graça de vivermos com o coração centrado n'Ele. O mais importante na vida é deixar-se amar pelo Senhor para podermos, nós próprios, ser sinal da presença do Amor de Deus no mundo.

São Lucas deixa-nos então uma pergunta muito concreta sobre o conteúdo da nossa fé. Uma fé que se baseie em milagres aparatosos não é a fé de Jesus Cristo. Uma fé que Lhe exija sinais, curas milagrosas, favores especiais, não é a fé no Deus que Jesus Cristo anunciou. Ele veio anunciar a salvação a todos os povos, a todos aqueles que escutarem a sua Palavra e a puserem em prática amando os irmãos.